

MARGARET DE NOVA ORLEANS

Sara Cone Bryant

Se um dia você visitar a bela cidade de Nova Orleans, certamente alguém o levará para conhecer o antigo centro comercial, onde há bancos, lojas e hotéis, e lhe mostrará uma estátua erguida em 1884 que permanece até hoje em uma pequena praça daquela cidade. Trata-se da estátua de uma mulher, sentada em uma cadeira baixa, com os braços ao redor de uma criança aninhada em seu colo. A mulher não é nem um pouco bonita. Usa sapatos comuns e grossos, vestido simples, xale pequeno e um boné. Ela é robusta e de baixa estatura, e seu rosto tem o formato quadrado à semelhança dos irlandeses. Seus olhos, porém, nos fitam como os de nossa mãe.

Trata-se da estátua de uma mulher chamada Margaret. Seu nome completo era Margaret Haughery, mas ninguém em Nova Orleans se lembra de seu sobrenome. É como se ela fosse uma irmã querida, à qual nunca nos referimos pelo nome completo. Ela é apenas Margaret. A história dela nos diz por que as pessoas lhe fizeram um monumento.

Quando Margaret era bebê, seus pais morreram, e ela foi adotada por um jovem casal tão pobre quanto seus pais. Morou com eles até a idade adulta. Casou-se e teve um bebê. Logo a seguir, seu marido faleceu e o bebê também. Margaret ficou sozinha no mundo. Era pobre, mas também era forte e batalhadora.

O dia inteiro, de manhã até à noite, ela passava roupas em uma lavanderia. E todos os dias, enquanto trabalhava perto da janela, ela via as crianças de um orfanato nas proximidades trabalhando e brincando. Depois de algum tempo, uma grande epidemia tomou conta da cidade matando muitas mães e muitos pais. O orfanato recebeu mais crianças, em número superior ao de sua capacidade. Elas precisavam de um amigo ou de uma amiga. Você deve estar-se perguntando como uma pobre mulher que trabalhava em uma lavanderia poderia ajudar crianças órfãs. Mas foi o que Margaret fez. Ela resolveu falar com as irmãs que dirigiam o orfanato e disse que ia doar-lhes parte de seu salário e trabalhar para elas.

Margaret empenhou-se mais ainda no trabalho de passadeira e conseguiu economizar parte de seu salário. Com essa economia, ela comprou duas vacas e um carrinho de entregas. Todas as manhãs, ela saía com o carrinho para entregar leite a seus clientes e, no caminho, pedia sobras de comida em hotéis e em casas de pessoas ricas. A comida era levada para as crianças famintas do orfanato. Naqueles tempos difíceis, a comida angariada por Margaret era, quase sempre, a única refeição do dia para as crianças.

Parte do dinheiro que Margaret ganhava a cada semana era doada ao orfanato, e após alguns anos a quantia aumentou consideravelmente. E Margaret sabia lidar tão bem com as finanças que, apesar de suas doações, ela conseguiu comprar mais vacas e ganhou mais dinheiro ainda. Com esse

dinheiro, construiu uma casa para os bebês órfãos, à qual ela dava o nome de "casa dos meus bebês".

Depois de algum tempo, Margaret teve a oportunidade de adquirir uma padaria e passou de entregadora de leite a padeira. Transportava o pão da mesma maneira que o leite – em seu carrinho. E continuou doando dinheiro ao orfanato. De repente, iniciou-se uma grande guerra, a Guerra Civil. Em meio a todos os problemas, enfermidades e medos daquela época, Margaret continuou a fazer as entregas dos pães em seu carrinho, em quantidade suficiente para reparti-los com soldados famintos e para vender parte deles. Apesar de todas as dificuldades, ela ganhou dinheiro para construir uma grande fábrica de pães assim que a guerra terminou. A essa altura, todos os habitantes da cidade a conheciam. As crianças a amavam. Os negociantes sentiam-se orgulhosos dela. Os pobres recorriam a ela para pedir conselho. Ela costumava sentar-se ao lado da porta aberta de seu escritório, trajando um vestido de algodão e um pequeno xale, e sempre oferecia uma palavra de esperança a todos, ricos ou pobres.

Um dia, Margaret morreu. E, quando chegou o momento da leitura de seu testamento, as pessoas descobriram que, apesar de todas as suas doações, ela conseguiu economizar uma grande soma de dinheiro – US\$ 30.000! – e deixou toda essa quantia para ser repartida entre vários orfanatos da cidade. Para Margaret, o fato de o dinheiro ser doado a crianças brancas ou negras, judias, católicas ou protestantes, não fazia nenhuma diferença. Ela sempre dizia:

– São todos orfanatos e têm a mesma finalidade. E saiba de uma coisa. Aquele magnífico e sábio testamento foi assinado com uma cruz no lugar do nome, porque Margaret não sabia ler nem escrever!

Quando souberam da morte de Margaret, os habitantes de Nova Orleans disseram:

– Ela foi a mãe dos órfãos. Foi amiga daqueles que nunca tiveram amigos. Sua sabedoria era maior do que a aprendida na escola. Jamais vamos nos esquecer dela.

Eles ergueram uma estátua de Margaret, da mesma maneira que ela costumava ficar à porta de seu escritório. E a estátua permanece lá até hoje, em memória do grande amor e da grande fortaleza e simplicidade que foi Margaret Haughery, de Nova Orleans.